

CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO DO PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DE SÃO MIGUEL

Rabo de Peixe, 18 maio de 2014

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

É, por vários motivos e várias razões, um gosto presidir a esta inauguração porque este é, desde logo, um momento histórico para a ilha de São Miguel, para a economia da ilha de São Miguel e, por conseguinte, um momento histórico também para os Açores.

É um momento histórico porque temos uma infraestrutura com esta qualidade, especificamente dirigida à atividade expositiva e ao serviço da economia desta ilha. Pela sua capacidade de promoção, ao serviço da capacidade de promoção da economia micalense, ao serviço do dinamismo dessa economia, ao serviço do espírito empreendedor da economia micalense.

É, naturalmente, motivo de satisfação poder estar, hoje, aqui convosco num momento em que se concluiu uma infraestrutura dessa qualidade que é posta ao serviço de toda a economia da ilha de São Miguel e que tem uma particular afinidade com a Agricultura. Uma infraestrutura de qualidade, iniciada em 2012, e julgo que é mais do que devido, por tudo aquilo que já vimos e por tudo aquilo que vemos, uma referência à visão e à ambição que norteou o lançamento desta obra.

Por isso, uma referência à visão do meu antecessor, o Presidente Carlos César, e do Secretário Regional de então, Noé Rodrigues. Esta é uma obra cujo lançamento se deve, também, à forma como entenderam, à forma como interiorizaram a importância que o setor agrícola, em especial, e a economia da ilha de São Miguel, no seu global, necessitavam de uma infraestrutura deste tipo.

Com uma área de implantação que excede os 9.000 metros quadrados, com uma área de construção que excede os 15.000 metros quadrados, com um investimento de cerca de 10 milhões de euros, o Parque de Exposição da Ilha de São Miguel disponibiliza um conjunto de valências, para além da área de exposição em que nos encontramos, mas também áreas comerciais, de serviços e de apoio ao funcionamento de entidades oficiais, como é o caso do Posto de Atendimento do Serviço de Desenvolvimento Agrário de São Miguel, que aqui passará a funcionar.

A qualidade, a polivalência e forma muito feliz como estes objetivos foram traduzidos levam a que, também, seja feita uma referência, quer ao arquiteto responsável por este empreendimento, quer ao empreiteiro que assumiu este encargo, na pessoa do engenheiro Primitivo Marques, a quem saúdo.

Já foi aqui referido, e não é demais repetir, a relação umbilical que esta infraestrutura tem com o setor agrícola. Desde logo, pela sua localização, em pleno recinto da Feira Agrícola, próximo das instalações da Associação Agrícola de São Miguel e com um

conjunto de valências que a tornam central no que respeita ao apoio à atividade agrícola e a toda a atividade económica da ilha de São Miguel.

Uma segunda relação deriva do peso que o setor agrícola assume na nossa economia, nomeadamente, naquelas que são as atividades produtivas e na forma como, ao longo do tempo, tem sabido rentabilizar e concretizar um conjunto de opções, de medidas e políticas que foram criadas e que foram aproveitadas em benefício do desenvolvimento desse setor e da criação de riqueza na nossa Região.

Há, também, um terceiro motivo, que é a parceria estabelecida com a Associação Agrícola de São Miguel para a sua concretização e, também, para a gestão e para utilização deste espaço a quem fica confiado.

Mas a importância deste investimento não se esgota na sua dimensão ou nos serviços que proporciona. Ele tem, também, um outro significado e dá outro sinal: de confiança na capacidade do setor agrícola de produzir e de criar riqueza. É, também, uma aposta no futuro da nossa Agricultura e, em especial, do setor agropecuário.

E esta confiança não surge do nada. Ela está fundamentada em factos. Ela está comprovada no que foi - e é - o percurso que o setor agrícola tem feito, em especial nos últimos anos.

Há pouco referia-vos o conjunto de medidas e de políticas que foram, e bem, aproveitadas pelo setor agrícola, mas gostava de vos referir as provas que, quotidianamente, foram dadas da capacidade empreendedora dos nossos lavradores e agricultores.

A um desafio que, num primeiro momento, incidiu no aumento da quantidade, responderam presente e venceram. A um desafio que se pautou pela necessidade de modernizar as explorações agrícolas, responderam presente e venceram. A um desafio que incidiu na profissionalização da gestão das explorações agrícolas, do maneio animal, responderam presente e venceram este desafio.

Referindo os dados e os factos que fundamentam essa confiança na capacidade dos nossos lavradores de aproveitarem bem essas medidas e essas políticas que foram postas à sua disposição, dou apenas alguns exemplos: entre 1995 e 2012, a produção de leite aumentou cerca de 40 por cento. No PRORURAL, de todos os investimentos dirigidos à modernização das explorações agrícolas, cerca de 70 por cento foi para o setor leiteiro.

Os jovens que se dedicam à agricultura têm, nos Açores, uma média etária de 42 anos. Isto leva a que, na nossa Região, essa média seja 10 anos mais jovem do que a média de Portugal continental.

A importância de alguns instrumentos que foram colocados à disposição dos nossos lavradores é, talvez, melhor sinalizada com o PRORURAL.

Desse ponto de vista, gostaria de hoje aqui, correspondendo também a essa capacidade empreendedora, de dar a conhecer que, até ao final do terceiro trimestre deste ano, todos os projetos que estão ainda pendentes – são cerca de 400 e que significam cerca de 25

milhões de euros, os que transitam do atual Quadro Comunitário para o próximo – terão a sua decisão.

Asseguramos, desta forma, também resposta a esta necessidade de corresponder à capacidade empreendedora e à capacidade de realização do setor agrícola.

Mas temos também desafios. Não está tudo resolvido. Temos desafios de futuro e em relação aos quais interessa termos uma ideia muito lúcida daquilo que eles exigem de cada um de nós.

Temos, desde logo, o desafio do novo Programa de Desenvolvimento Rural, já entregue à Comissão Europeia após o trabalho de concertação entre os diversos parceiros do setor.

Temos um novo POSEI, em que a Região conseguiu manter um envelope financeiro na ordem dos 77 milhões de euros e que interessa aproveitar de forma cada vez mais eficiente, cada vez mais capaz de dar resposta às necessidades do setor.

Temos alterações ao nível das quotas leiteiras e interessa que, para além de todos os diagnósticos que já foram feitos, nos centremos naquilo que depende de nós, naquilo que depende dos lavradores, das suas instituições representativas, e das entidades públicas da Região.

Esses diagnósticos que já foram feitos permitiram, também, lançar já um conjunto de trabalhos que estão a decorrer e que interessa reforçar, tendo a noção muito clara dos cinco desafios que, nesta área, interessa ter sempre presente e vencer.

São desafios essenciais, sobretudo, neste momento em que vivemos.

O primeiro desafio é o de reforçar as parcerias entre a produção, a transformação e a comercialização. Não há outro caminho. Estamos condenados – se me permitem – a entendermo-nos. A evolução que o setor teve nos tempos mais recentes levou a que se construísse a sua força assente nestes três pilares. Se falhar um, o setor não vai avante.

É, portanto, o primeiro desafio: reforçar a capacidade de construir consensos e de definir estratégias em conjunto entre a produção, a transformação e a comercialização.

O segundo desafio prende-se com o trabalho sempre imprescindível de manter a qualidade e de preservar a imagem dos nossos produtos. Este, à semelhança do primeiro, é um dos aspetos em que não podemos, de forma nenhuma, aligeirar o nosso cuidado e a nossa pressão. Este é um desafio relativamente ao qual não há alternativa a que o vençamos com sucesso. É um dever, uma obrigação e é absolutamente essencial para o futuro da nossa economia.

O terceiro desafio tem a ver com o esforço contínuo, do qual já existem bons exemplos, mas que devem continuar e ser reforçados, da aposta na diferenciação da nossa produção, na inovação dos nossos produtos e naquilo que nos pode diferenciar face a muitas regiões que também produzem leite e laticínios. Esse terceiro objetivo deve ser, também, entendido como uma obrigação que, se é certo que mais diretamente tem a ver com a

indústria e com a promoção dos nossos produtos, não dispensa o cuidado e atenção que o setor da produção lhe deve dirigir.

Um quarto desafio: a valorização e o aproveitamento das nossas vantagens comparativas, do modo de produção leiteira que temos, do facto de isso nos diferenciar de outras regiões no país e na Europa e de esse ser um aspeto cada vez mais valorizado por consumidores exigentes e conscientes.

Um quinto desafio é o de não prescindirmos, nunca, da gestão profissionalizada e rigorosa de todos os intervenientes nesta cadeia, desde a exploração agrícola, até à cadeia que se dedica à comercialização.

Esses são cinco desafios que, para além de todas as questões relativas às quotas leiteiras, às negociações que decorrem em Bruxelas, dependem de nós e que temos de vencer obrigatoriamente.

Não restem dúvidas da convicção que o Governo tem na capacidade do setor agrícola de vencer estes desafios. E não restem dúvidas ao setor agrícola do grau de compromisso que o Governo tem com o sucesso desse setor e com aquilo que é a sua capacidade de fazer ainda mais e melhor.

O facto de termos vencido os desafios do passado é a melhor prova e a melhor garantia de que somos capazes de vencer os desafios do futuro.

A AASM assume a gestão deste espaço, dentro de um espírito de parceria que têm norteado as relações entre o Governo e o setor associativo.

Mas há, a este propósito, dois aspetos que gostaria de realçar.

O primeiro é a confiança na capacidade da AASM de dinamizar este espaço, não apenas em benefício do setor agrícola, mas de todas as atividades económicas da ilha de São Miguel.

O segundo aspeto é algo que se dirige a cada um de nós: este não é o investimento do Governo. Este também não é o investimento da AASM. Este investimento é dos Açorianos das nove ilhas dos Açores, que, através dos seus impostos, também contribuíram para que este empreendimento fosse uma realidade.

Essa é uma consciência que nunca nos deve abandonar, porque é também através dessa consciência que podemos ter uma ideia muito clara do esforço, do trabalho e do compromisso que este investimento significa, desde logo, em termos de coesão regional.

Mais uma nota para vos dizer o seguinte: este investimento não vale nem pelo dinheiro gasto, nem pela sua área de construção, mas vai valer pela capacidade que for demonstrada por cada um dos setores da nossa economia de lhe dar uso e de o rentabilizar em benefício destas atividades económicas e da criação de riqueza e de emprego. Aí é que se medirá, efetivamente, se a economia da ilha de São Miguel está, ou não está, à altura do seu cabal aproveitamento.

Da nossa parte, não temos a minha dúvida. Vamos, pois, a isso, com muita confiança e, sobretudo, com a consciência de que os tempos podem nos apresentar dificuldades e desafios, mas essa é a nossa luta e é agora que se testa a capacidade de os poder vencer e ultrapassar.

O Governo está pronto, disponível e ao lado de todos aqueles que, connosco, queiram vencer estes desafios.

Muito Obrigado a todos.